

AJ23315

## Rodoviária - Ano I

*Um dia  
de rotina  
quase mortal.  
No mais,  
tudo bem.*

Texto de Osmar Silva  
fotos de Romero Mendonça

Um dia na nova rodoviária da Ilha do Príncipe vale ao menos para mostrar que, com o mínimo de reparos, ela vai muito bem, obrigado, a pouco mais de um mês de completar seu primeiro aniversário de funcionamento. Ao primeiro contato, um visitante desprevenido se espantará com a ânsia de perenidade demonstrada por nossas autoridades.

A rodoviária demorou tanto a ser construída que, por pouco, não precisava de maior espaço para placas inaugurativas. Na verdade, ela quebrou recordes sob esse aspecto. Logo à entrada, num bizarro bloco de mármore havia uma placa estilizada e frágil. Tão frágil que "o tempo e vento", em menos de um ano, a destruíram. No interior do galpão, ainda existem pregadas à parede duas indestrutíveis placas de bronze, com uma inulação de autoridades locais e federais envolvidas na transa da construção da rodoviária. Nem de longe se pode comparar

qualquer ou parte dele no imenso galpão.

Na manhã de quarta-feira havia o pastor evangélico paulista que matava o tempo observando com um binóculo o tráfego da segunda ponte, ou ponte do Príncipe, como se isso fosse a coisa mais tranquila do mundo, sem provocar qualquer atenção dos companheiros de espera. Ele, certamente, nos lembrou os paulistanos menos afortunados (uma grande maioria) que não têm meios para gastar o fim-de-semana no litoral e por isso vão todos os domingos para o aeroporto de Congonhas, acompanhar a decolagem e chegada dos aviões.

O estudante mineiro, com um parente e uma amiguinha, chegou de BH mais preparado do que a maioria de seus contemporâneos: para desfrutar

vragem de férias ao lado de um parente, de uma amiguinha e carregando à mão uma vara de pescar. Sua impressão sobre ela é a mesma de qualquer passageiro que utilizasse o velho terminal em suas viagens.

— Acho ótima a nova rodoviária e não tenho ainda base ou motivos para fazer qualquer crítica ou apontar alguma falha em seus serviços. É a primeira vez que desembarco nela e até agora está tudo bem para mim.

O primo de Morel, o também mineiro de BH e estudante Noé Bueno Neto, já embarcou e desembarcou várias vezes na rodoviária da Ilha do Príncipe. Por isso, ele já teve tempo de formar uma opinião e apontar possíveis falhas.

— Até o momento, a meu ver a

terminal. Esta rodoviária representa um progresso, é boa; mas não sei porque não gosto dela, é algo que ainda não posso explicar. A rodoviária é boa; mas só poderá melhorar se os usuários a souberem usar e apresentarem críticas certas e sugestões oportunas.

Uma das coisas que estranhei nesta rodoviária foi o descompasso com que ela funciona. Eu explico: em outras, de outras cidades, todo o comércio funciona ininterruptamente ou de acordo com o funcionamento da rodoviária. Aqui, os comerciantes parecem até funcionários públicos; a maioria das lojas ainda está fechada agora, 6h30m. Gostaria de levar um souvenir de Vitória mas, infelizmente, não vou poder, pois a loja que vende esses artigos ainda não abriu.

do é este posto, que acabou neste lugar onde pouco pode realizar em favor do turismo do Estado e do visitante que desembarca ou se encontra na rodoviária.

Nesse quase um ano, a única quebra de rotina que aconteceu foi provocada por um sujeito que esteve aqui buscando a localização de um mosteiro em Pedro Canário, norte capixaba, um desses tipos **pirados**. Ele passou todo um dia aqui, conversando com todo mundo, mas não conseguiu nada: esse mosteiro nunca existiu.

Longe de reclamar disso, o subtenente Fadini, comandante do destacamento da PM lotado na rodoviária, desde sua fundação, a firma que o destacamento teve poucos problemas nesse primeiro ano para desempenhar suas obrigações.

mas a certa altura resolveu tirar a roupa e tomar banho, vestido só de sunga, numa dessas poças de chuva que se formaram em volta da rodoviária. Aí, tivemos de solicitar uma viatura para recolher o homem e encaminhá-lo a seu lugar de direito. No mais, tudo tem corrido da melhor maneira aqui na rodoviária.

Três motoristas de táxi que fazem ponto no local, opinaram também sobre a rodoviária, todos achando que ela é boa; atende às necessidades, mas nem por isso é livre de críticas. Um deles foi Jair Souza de Almeida, o mais veterano, trabalhando nesse ponto desde a inauguração da rodoviária.

— Olha, acho que a rodoviária é boa e tem pouca coisa a ver com os problemas que enfrentamos; o decréscimo de passageiros provoca-



Dormir sobre a bagagem pode ter dupla vantagem: além de a mala servir como travesseiro (meio duro, infelizmente) garante que ninguém irá roubá-la.



Personagem folclórica da nova rodoviária, ela não sabe sequer seu nome. Mas está sempre à espera.

ano, a destruíram. No interior do galpão, ainda existem pregadas à parede duas indestrutíveis placas de bronze, com uma imitação de autoridades locais e federais envolvidas na transa da construção da rodoviária.

Nem de longe se pode comparar o local com o antigo terminal rodoviário da praça Misael Pena, de memória pouco saudosa. O ambiente é de ordem, o passageiro que vai embarcar é chamado várias vezes pela mesma voz impessoal, fria e quase mecânica de todas as rodoviárias das grandes cidades do País, independente do sotaque.

O pessoal que vive sua rotina diária situa 4h45m como o início de tudo o que acontece (ou desacontece) na rodoviária, citada por certo funcionário, com acendrado paulistano orgulho como "a primeira da América Latina com sistema aquaviário". É nesse horário que parte o primeiro ônibus do dia com destino a Santa Teresa, iniciando a partida de dezenas de outros com destino ao interior capixabas ou a cidades de outros Estados.

Pouca coisa acontece nas primeiras horas da rodoviária de notável, curioso ou que venha quebrar a rotina e ordem de suas trinta plataformas, onde desembarca gente de Minas, da Bahia, do Rio de Janeiro e de outros Estados; o sono de alguns que dormem nas cadeiras do galpão ou se distraem da forma que podem enquanto aguardam a chamada e a partida de seus ônibus. No outro extremo da rodoviária, a moça do guichê das lanchas do aquaviário (que servem Porto Santana, de meia em meia hora, e Vila Velha, de 20 em 20 minutos; a partir das 5 horas) combate como pode a modorra matinal, lendo histórias em quadrinhos.

O movimento vai aumentando, gente procurando táxis, saltando de táxis ou driblando o trânsito das vizinhanças para vir da Vila Rubim, à míngua de coletivos que a trouxessem à rodoviária — quase um ano depois, as empresas de ônibus da capital ainda não definiram os horários, principalmente de manhã e à noite, de seus coletivos para a rodoviária, a maioria sequer tem esses horários. A rotina e disponibilidade nos levam a uma tentativa de contato com passageiros; para saber sua opinião sobre a rodoviária nesse primeiro ano de funcionamento, e com gente envolvida em seu cotidiano em busca de histórias curiosas ocorridas no ano I.

Histórias curiosas há poucas, segundo aqueles que vivem seu cotidiano desde a inauguração, que insistem em lastimar a desestimulante rotina que têm suportado neste primeiro ano. Mas não deixamos de esbarrar em tipos extremamente curiosos; passageiros ou visitantes, mesmo que gastemos apenas um dia

toral e poissos vão todos os domingos para o aeroporto de Congonhas, acompanhar a decolagem e chegada dos aviões.

O estudante mineiro, com um parente e uma amiguinha, chegou de BH mais preparado do que a maioria de seus conterrâneos para desfrutar de nosso litoral, com vara de pescar à mão e muita vontade.

A maluquinha, que está quase sempre no mercado da Vila Rubim, resolveu mudar de ambiente hoje. Vestida de mãe-de-santo ou de noiva, ela apareceu de manhã para quebrar a rotina da rodoviária, com flores de plástico à mão, à espera do noivo ou do ônibus que não vem — ontem, outro desmemoriado tirou a roupa e tentou tomar banho de sunga numa das poças-piscinas que ainda existem em volta da rodoviária.

Bem esportiva e descontraída, a jovem turista surgiu, confiante, para embarcar num dos horários matinais para Guarapari, metida num shortinho bem arejado e esportivo, sem despertar grande admiração do distinto público.

Talvez porque são tempos de férias, os grupos de adolescentes prevaleceram sobre os demais. Com malas ou mochilas às costas, com varas de pescar ou violão, eles descem das Alterosas para disputar agora um lugar com os argentinos (nós, os nativos, já perdemos há muito esse direito) e desfrutar de nossas praias, que já foram bem mais limpas e amenas.

Mas a fauna humana que circula pela rodoviária neste janeiro de 1980 é tão heterogênea e caótica quanto à seleção musical de seu sistema desom, que massacra nossos ouvidos de manhã com muita discoteca, que não chega a perturbar o sono de alguns usuários que continuam a dormir sentados aos bancos do galpão.

Antes da conversa com passageiros e funcionários da rodoviária, a constatação de algumas irregularidades em seu sistema de atendimento ao público, facilmente sanáveis caso os interessados ou autoridades resolvam agir. Por um desses caprichos bem brasileiros, o passageiro que quiser tomar um cafezinho nos dois bares da rodoviária pagará em um deles o dobro do preço da tabela — na lanchonete Luigi, cobram Cr\$ 6,00 por um cafezinho que nos servem "no escuro"; em copos plásticos que são provavelmente reusados (vimos muitos deles serem levados para a copa junto com pratos e copos), com um atendimento mais que péssimo, enquanto no bar Top, na entrada da rodoviária, o cafezinho custa Cr\$ 3,00.

#### FÉRIAS

Morel Bueno Rabelo é estudante, mineiro, e utiliza pela primeira vez a nova rodoviária nessa sua

O primo de Morel, o também mineiro de BH e estudante Noé Bueno Neto, já embarcou e desembarcou várias vezes na rodoviária da Ilha do Príncipe. Por isso, ele já teve tempo de formar uma opinião e apontar possíveis falhas.

— Até o momento, a meu ver a nova rodoviária atende inteiramente às necessidades do usuário. Não existe nem como compará-la com o velho terminal lá do centro. É bem possível que existam reparos que possam ser feitos a seus serviços mas não tenho nenhum a fazer até agora, quando volto para passar alguns dias com o pessoal em Nova Almeida.

Paulista do interior, o pastor evangélico Elias Machado atraiu nossa atenção logo que chegamos à rodoviária pouco depois das 5h30m. Chegado há pouco de Mariana, onde atua numa igreja metodista Wesleyana, Elias esperava o primeiro ônibus para o Rio de Janeiro e, para matar o tempo, sacou de seu binóculo e passou a acompanhar atentamente o movimento do tráfego da ponte do Príncipe.

O pastor confessou uma certa antipatia pela nova rodoviária, sem esclarecer os motivos, e fez alguns reparos à sua forma de funcionamento.

— Tenho viajado muito para Vitória desde que vim para atuar no interior de Minas e do Espírito Santo, desde a época do antigo

terminal de rodoviária. Aqui, os comerciantes parecem até funcionários públicos; a maioria das lojas ainda está fechada agora, 6h30m. Gostaria de levar um souvenir de Vitória mas, infelizmente, não vou poder, pois a loja que vende esses artigos ainda não abriu.

Outra deficiência que notei foi a falta de caixas com areia para que os usuários não sejam forçados a escarrar no chão — conforme pode ver, até as paredes mostram sinais de escarradas, certamente porque não se tem onde cuspir aqui dentro.

Atuando no posto de informações da Emcatur, localizado de forma quase anacrônica no bloco mais próximo do sistema aquaviário e bem afastado do meio do público que pretende servir, Mário Sérgio Pinto Teixeira é um dos veteranos, trabalhando na rodoviária desde sua inauguração em março do ano passado. Além de criticar essa má localização, Mário Sérgio reclama também da rotina que vem enfrentando na rodoviária.

— A rotina aqui é terrível e não estimula ninguém. Raramente acontece alguma coisa que a quebre — de meia em meia hora, alguém aparece aqui para perguntar "onde é o banheiro"; por exemplo, e tudo é quase isso. A localização do posto é a pior possível. Já estivemos em lugar melhor, mas sempre que precisam mudar alguma coisa o primeiro visa-

o não conseguiu nada: esse momento nunca existiu.

Longe de reclamar disso, o subtenente Fadini, comandante do destacamento da PM lotado na rodoviária, desde sua fundação, afirma que o destacamento teve poucos problemas nesse primeiro ano para desempenhar suas obrigações.

— História curiosa? Acho que temos poucas, a rodoviária sempre foi um lugar onde tivemos o mínimo de problemas, a rotina aqui é muito tranquila. Nossas instruções foram sempre as de se procurar resolver tudo na paz, sem violência e, graças a Deus, tudo tem corrido muito bem, porque lidamos com gente pacata, daqui e de fora, que quer apenas tranquilidade para realizar sua viagem. Por isso, nunca tivemos o registro de uma grande ocorrência neste primeiro ano, a rotina só é quebrada pelo aparecimento ocasional dessas figuras muito comuns em lugares públicos, de gente sem meios para fazer a viagem a seus destinos. Esta senhora que esteve aqui hoje não tem documentos; não sabe de onde veio e nem sabe para onde quer ir. Apesar de não ter criado problemas até agora, não temos outra saída senão afastá-la da aqui da rodoviária, porque pode perturbar a ordem do local.

Ontem, apareceu outro desses desmemoriados, que pretendia ficar aqui, o que logo o desaconselhamos a fazer. Era uma pessoa inofensiva,

necessidades, mas não por isso vire de críticas. Um deles foi Jair Souza de Almeida, o mais veterano, trabalhando nesse ponto desde a inauguração da rodoviária.

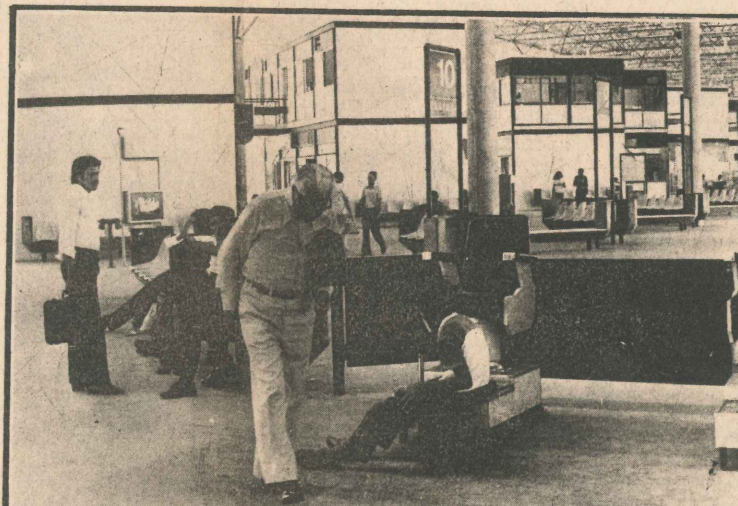
— Olha, acho que a rodoviária é boa e tem pouca coisa a ver com os problemas que enfrentamos; o decréscimo de passageiros provocado pela crise do combustível que nos força a estar sempre aumentando o preço das corridas. Nossa situação é braba mesmo e acho que estamos transportando apenas 20% do número de passageiros que embarca ou desembarca na rodoviária. Os 80% restantes preferem viajar de ônibus, mesmo carregando pesadas malas porque, sei, as coisas estão muito difíceis para eles também.

Para que se tenha uma idéia de nossa situação, estou com meu veículo estacionado aqui desde 5h30m e só consegui realizar duas corridas até agora. Mas isso é melhor do que ficar por aí, queimando gasolina para angariar um ou outro passageiro. E acho que tudo vai piorar ainda mais.

Mais novo do que o companheiro, com poucos meses de ponto na rodoviária, Elzo Silva interrompe o papo para empurrar seu veículo à frente, para ocupar o lugar de um táxi que saiu com passageiros ("o negócio é como estão vendo, temos de economizar gasolina de todas as formas").

— A coisa está tão difícil que há dias em que temos quase cem táxis aqui no ponto, esperando a vez para fazer uma corrida. Não podemos culpar a rodoviária ou o passageiro de não estarmos trabalhando mais, porque a culpa de todo o problema é a crise de combustível, seus constantes aumentos. Mas tenho algumas críticas a fazer ao serviço da rodoviária: primeiro, considero caro demais os Cr\$ 30,00 que cobram para que tomemos um banho quente; segundo, acho uma medida errada o fechamento do sanitário deste lado mais cedo, às vezes antes das 20 horas — estou me referindo ao sanitário que cobra entrada, pois o público não tem condições de ser utilizado. Isso nos prejudica e prejudica o público que utiliza o aquaviário, que precisa ir ao outro lado para utilizar o sanitário.

Com relação ao funcionalismo da Comdusa, que administra a rodoviária, apesar da boa vontade de alguns, não conseguimos "conversar" com nenhum deles. Até que provem o contrário, funcionário da Comdusa atuando na rodoviária é morto, siri ou; na melhor das hipóteses, mudo — isto é, está proibido de prestar informações ou esclarecimentos à imprensa, sob pena de demissão. O que, afinal, teme a direção da Comdusa? No final da história, eles não hesitam em acusar a imprensa de só divulgar informações incorretas, negativas ou tendenciosas a respeito das atividades da empresa.



A nova rodoviária está muito longe do antigo terminal da praça Misael Pena: o ambiente é de ordem e o passageiro aguarda sentado as chamadas, num clima de tranquilidade e segurança que há um ano não passava de utopia.

